

'Essa Constituição retrógrada imobilizou o País'

Fotos: Ed Ferreira/AE

Sempre crítico à Carta, Sarney diz que conjunto de leis levou ao 'caos jurídico'

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA – Ao mesmo tempo em que o tetrapresidente Ulysses Guimarães comemorava a conclusão de dois anos de intenso trabalho saudando a "Constituição Cidadã", o então presidente da República, José Sarney, não titubeava nas críticas. Ao contrário, Sarney fez questão de dizer, de público, que aquela Constituição tornaria o País ingovernável.

Quinze anos depois, o mesmo Sarney, agora presidente do Senado, diz que o tempo lhe deu razão e mantém as críticas à Carta, que acusa de ter complicado não só a vida do Executivo, mas a dos três Poderes. "Essa Constituição retrógrada que imobilizou o País também provocou o caos jurídico e o congestionamento da Justiça", ataca.

O senador adverte, porém, que o Supremo Tribunal Federal (STF) também tem sua parcela de responsabilidade sobre a atual situação caótica. Em entrevista ao *Estado*, ele cobrou mais ousadia do STF para disciplinar o ordenamento jurídico no País. "O Supremo tem sido muito tímido no sentido de fazer com coragem o que tem de fazer." A seguir, os principais trechos da entrevista:

Estado – Em 1988 o sr. alertou para o fato de que a nova Constituição tornaria o País ingovernável. O tempo lhe deu razão?

José Sarney – Eu fiz críticas de toda natureza à Constituição, que era híbrida – parlamentarista e ao mesmo tempo presidencialista – e muito detalhista. O tempo mostrou que eu estava certo, tanto que já apresentaram 1.100 emendas na Câmara e mais 400 no Senado.

Estado – As reformas que estão sendo feitas, como a tributária e a previdenciária, são produto desse detalhismo equivocado?

Sarney – Tudo que se refere a reformas é justamente por causa dessa Constituição que impediu o desenvolvimento econômico. Tudo que se está dizendo – que o Brasil parou, que não retomamos o desenvolvimento e que é preciso fazer as reformas – é consequência disso. No fundo, essa Constituição é que foi responsável por tudo isso.

Estado – O sr. não está sendo severo demais em seu julgamento da Carta?



Sarney: "Tudo que se refere a reformas é justamente por causa dessa Constituição que impediu o desenvolvimento econômico"

O tempo mostrou que eu estava certo, tanto que já apresentaram 1.100 emendas na Câmara e mais 400 no Senado

Sarney – Acho que perdemos uma grande oportunidade, que foi aquele momento, de realmente fazer uma Constituição moderna, que pudesse servir a um Brasil que se preparasse para o mundo que viria depois, para aquela transformação extraordinária que ocorreu com a queda do muro de Berlim. Tivemos uma Constituição que foi retrógrada e ao mesmo tempo imobilizou o País. Ela complicou a administração pública e paralisou a vida política nacional, até hoje mergulhada nesse sistema partidário caótico. Esse é o balanço que faço e é um balanço que não é meu. É a realidade.

Estado – Mas não há nada que o sr. considere positivo na Carta de 88?

Sarney – Tem um ponto em que eu acho que a Constituição é boa: no que se refere aos direitos individuais, aos direitos civis e sociais. No mais, a Constituição é detalhista e complicou a vida de todo o País. De certo modo, estamos tendo um grande trabalho para que o País não seja ingovernável da forma como ela transformou Brasil. Veja o caos jurídico que ela provocou, o congestionamento da Justiça, tudo isso.

Estado – Quer dizer que a ingovernabilidade que o sr.

apontou não se referia apenas ao Executivo e que a Constituição complicou a vida dos três Poderes?

Sarney – Ela complicou a vida dos três Poderes e de todo mundo. Só foi realmente moderna e avançada sob o ponto de vista declaratório dos direitos individuais e do avanço dos direitos sociais.

Estado – Já não houve tempo suficiente para corrigir essas distorções? Porque o sr. acredita que a revisão constitucional fracassou?

Sarney – Eu dizia que o melhor artigo da Constituição de 88 era o artigo 5.º das Disposições Transitórias, que mandava que dentro de cinco anos ela fosse revista. Infelizmente, a revisão também foi marcada por um extremo fracasso, porque, como a Constituição foi feita olhando para o lado e para o passado, e não vendo o futuro, a revisão também foi feita da mesma maneira. Foi feita dedicada ao problema da reeleição e outros pontos que não eram essenciais. Mas acho que o Supremo Tribunal Federal pode ajudar muito o País.

Estado – De que forma o Supremo ajudaria?

Sarney – O Supremo pode ajudar, desde que faça como o tribunal americano: que pegue a Constituição, veja seu espírito e faça com que este espírito realmente prevaleça, pela interpretação da lei. O STF é o guardião da Constituição, pode interpretá-la e ajudar muito. Mas o Supremo tem sido muito tímido no sentido de fazer com coragem isto que tem de fazer.

Estado – No que o STF está sendo tímido?

Sarney – Por exemplo, no caso de acabar com essa infinidade de ações, repetições de milhares de ações por todo o País. O ministro Nelson Jobim (*do STF*) diz uma coisa muito certa: que numericamente há milhares e milhares de ações, mas em relação aos assuntos que são decididos, são pouco mais de cem. Há sempre uma repetição dos mesmos assuntos.

Estado – O sr. cobra a adoção de alguma medida nos moldes da súmula vinculante, em que o STF decidiria sobre uma polêmica, orientando decisões judiciais em instâncias inferiores em todo o País?

Sarney – Isto o STF podia já ter feito. Podia ter marchado nessa direção de disciplinar o processo e acabar com essa repetição de ações.

Estado – Este governo é composto pelas forças de esquerda que na Constituinte fizeram questão dos deta-

lhes agora considerados prejudiciais. Nesse sentido, o governo não estaria experimentando do próprio veneno?

Sarney – A gente não pode nem atacar ou culpar o PT, porque o PT não assinou a Constituição. Nem se sabe qual foi o motivo, mas o fato é que o partido não assinou.

Estado – Vencidas as mudanças no sistema tributário e na Previdência, o senhor vê a possibilidade de o Congresso tocar adiante a reforma política?

Sarney – Não acredito nisso. Uma reforma política só é feita quando todas as forças políticas se mobilizam nesse sentido, e isto só ocorre quando a situação se torna caótica. Antes disso, há uma tendência no Brasil de procrastinarmos. E aquela coisa que falava o poeta português José Regis, em seu poema *Cântico Negro*: "Não sei por onde vou, não sei para onde vou, sei que não vou por aí." Não se sabe bem para onde vamos, mas que não é este o caminho, não é não.



Ela paralisou a vida política nacional. Esse é o balanço que faço e é um balanço que não é meu. É a realidade